





A Deusa dos Raios Azulados

Ignácio de Loyola Brandão

Nas noites de verão, ou todas as noites, depois do jantar, o pai abandona a mesa. Ainda com a xícara de café na mão, ele se dirige à caixa quadrada. A deusa dos raios azulados espera o toque. Para emitir som e luz, imagem e movimento.



Todos se ajeitam. O lugar principal é para o pai. Ninguém conversa. Não há o que falar. O pai não traz nada da rua, do dia a dia, do escritório. Os filhos não perguntam, estão proibidos de interromper. A mulher mergulha na telenovela, no filme. Todos sabem que não virá visita. E se vir alguma, vai chegar antes da telenovela.

Conversas esparsas durante os comerciais. A sensação é que basta estar junto. Nada mais. Silenciosa, a família contempla a caixa azulada. Os olhos excitados, cabeças inflamadas. Recebendo, recebendo. Enquanto o corpo suportar, estarão ali. Depois, tocarão o botão e a deusa descansará. Então as pessoas vão para as camas, deitam e sonham. Com as coisas vistas. Sempre vistas através da caixa. Nunca sentidas ou vividas. Imunizadas que estão contra a própria vida.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Dentes de Sol. Rio de Janeiro, Codecri, 1980. p.288



Vizinhos Internautas

Carlos Heitor Cony

Estudiosos do comportamento humano na vida moderna constatam que um dos males de nossa época é a incomunicabilidade das pessoas. Já foi tempo em que, mesmo nas grandes cidades, nos bairros residenciais, ao cair da tarde era costume entre os vizinhos se darem boa noite, levarem as cadeiras de vime para as calçadas e ficar falando da vida, da própria e da dos outros.

A densidade demográfica, os apartamentos, a violência urbana, o rádio e mais tarde a TV, ilharam cada indivíduo no casulo doméstico. Moro há dezoito anos num prédio da Lagoa; tirante os raros e inevitáveis cumprimentos de praxe no elevador ou na garagem, não falo com eles nem eles comigo. Não sou exceção. Nesse lastimável departamento, sou regra.

Daí que não entendo a pressão que volta e meia me fazem para navegar na Internet. Um dos argumentos que me dão é que posso falar com pessoas na Indonésia, saber como vão as colheitas de arroz na China e como estão os me-

lões na Espanha.

Uma das minhas filhas vangloriava-se de ser Internauta. Tem amigos na Pensilvânia e arranjou um admirador em Dublin, terra do Joyce, do Bernard Shaw e do Oscar Wilde. Para convencê-la de seus méritos, ele mandou uma foto em cor que foi impressa em alta resolução. É um jovem simpático, de bigode, cara honesta. Pode ser que tenha mandado a foto de um outro.

Lembro a correspondência sentimental das velhas revistas de antanho. Havia sempre a promessa: "Troco fotos na primeira carta". Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido um resultado aproveitável.

Para vencer a incomunicabilidade, acredito que o internauta deva primeiro aprender a se comunicar com o vizinho de porta, do prédio, de rua. Passamos uns pelos outros com o desdém do nosso silêncio, de nossa cara amarrada. Os suicidas se realizam porque, na hora do desespero, falta o vizinho que lhe deseja sinceramente uma boa noite. ■



Textos para debate

Texto 1: Cultura de massa e cultura popular

Alfredo Bosi

O poder econômico expansivo dos meios de comunicação parece ter abolido, em vários momentos e lugares, as manifestações da cultura popular, reduzindo-as à função de folclore para turismo. Tal é a penetração de certos programas de rádio e TV junto às classes pobres, tal é a aparência de modernização que cobre a vida do povo em todo o território brasileiro, que, à primeira vista, parece não ter sobrado mais nenhum espaço próprio para os modos de ser, pensar e falar, em suma, viver, tradicional-populares. O que seria uma fatalidade do neocapitalismo

introjetado em todos os países de extração colonial.

A cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia, ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver alguma forma criativa de auto-expressão: eis o seu primeiro tento. Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferenciados da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo. O vampirismo é assim duplo e crescente: destrói-se por dentro o tempo próprio da cultura popular e exhibe-se, para





consumo do telespectador, o que restou desse tempo, no artesanato, nas festas, nos ritos. Poderíamos, aqui, configurar com mais clareza uma relação de aparelhos econômicos industriais e comerciais que exploram, e a cultura popular, que é explorada. Não se pode, de resto, fugir à luta fundamental: é o capital à procura de matéria-prima e de mão-de-obra para manipular, elaborar e vender. A macumba na televisão, a escola de samba no Carnaval estipendiado para o turista são exemplos de conhecimento geral.

No entanto, a dialética é uma verdade mais séria do que supõe a nossa vã filosofia. A exploração, o uso abusivo que a cultura de massa faz das manifestações populares, não foi ainda capaz de interromper para todo o sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da rede familiar e comunitária, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos.



O povo assimila, a seu modo, algumas imagens da televisão, alguns cantos e palavras do rádio, traduzindo os significantes no seu sistema de significados. Há um filtro, com rejeições maciças da matéria impertinente, e adaptações sensíveis da matéria assimilável. De resto a propaganda não consegue vender a quem não tem dinheiro. Ela acaba fazendo o que menos quer: dando imagens, espalhando palavras, desenvolvendo ritmos, que são incorporados ou re-incorporados pela generosa gratuidade do imaginário popular.

O torcedor do Corinthians poderá ter adquirido, à custa de suadas prestações, um televisor último-tipo com controle remoto ou mudança digital, mas nem por isso deixará de acender a sua vela a Nossa Senhora Aparecida ou, mesmo, a uma das muitas entidades da macumba, para conseguir a vitória do seu time.

Ou que importa que nos arrastapés suburbanos se dance o último iê-



iê-iê lançado pelo comércio musical *yankee*, se o comportamento dos jovens no baileco ou no namoro correspondente a uma relação quase ritual entre os sexos que reproduz uma secular educação moral sertaneja?

Esse esquema de reação peculiar ao meio receptor vai vinculando, até certo ponto, os conteúdos e as formas dos próprios meios de comunicação de massa, que procuram ir ao encontro dos gostos do povo, tornando-se então popularescos ou pseudotradicionalistas (já que não lhe é dado ser autenticamente tradicionais), como o fazem alguns programas de rádio e não poucas fotonovelas meio sentimentais, meio modernizantes. O típico popular,

com todas as suas tendências para a caricatura, é um modo pelo qual a indústria cultural projeta o povo como o outro. O outro é o povo ao mesmo tempo explorado e intocado.

São, portanto, muito delicadas as relações entre cultura de massa e cultura popular. Do ponto de vista do dinamismo capitalista a flecha parece sempre ir no sentido de uma desagregação da segunda pela primeira. Esse fenômeno existe, quer no plano moral, quer no plano estético, mas, como a destribalização do índio, é fruto mais de uma investida técnico-econômica violenta do sistema capitalista do que de uma eventual exposição do primitivo ou do rústico a certas formas de cultura de massa. ■



Texto 2: Cultura popular e período popular

Milton Santos

Para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade. Ele não se verifica de modo homogêneo, tanto em extensão quanto em profundidade, e o próprio fato de que seja criador de escassez é um dos motivos da impossibilidade da homogeneização. Os indivíduos não são igualmente atingidos por esse fenômeno, cuja difusão encontra obstáculos na diversidade das pessoas e na diversidade dos lugares. Na realidade, a globalização agrava a heterogeneidade, dando-lhe mesmo um caráter ainda mais estrutural.

Uma das conseqüências de tal evolução é a nova significação da cultura popular, tornada capaz de rivalizar com a cultura de massas. Outra é a produção das condições necessárias à reemergência das próprias massas, apontando para o



surgimento de um novo período histórico, a que chamamos de período demo-gráfico ou popular (M. Santos, *Espaço e sociedade*, 1979).

Cultura de massas, cultura popular

Um exemplo é a cultura. Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria, em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular; mas também, e paralelamente, as reações desta cultura popular. Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técni-



ca e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura pré-existente. Constituem-se, assim, formas mistas sincréticas, dentre as quais, oferecida como espetáculo, uma cultura popular domesticada associando um fundo genuíno a formas exóticas que incluem novas técnicas.

Mas há também — e felizmente — a possibilidade, cada vez mais freqüente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas. Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos “de baixo”, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. Se aqui os instrumentos da cultura de massa são reutilizados, o conteúdo não é, todavia, “global”, nem a incitação primeira é o chamado mercado global, já que sua base se encontra no território e na cultura local e herdada. Tais expressões da



cultura popular são tanto mais fortes e capazes de difusão quanto reveladoras daquilo que poderíamos chamar de regionalismos universalistas, forma de expressão que associa a espontaneidade própria à ingenuidade popular à busca de um discurso universal, que acaba por ser um alimento da política.

No fundo, a questão da escassez aparece outra vez como central. Os “de baixo” não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas. Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. É desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimen-



to da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnica, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o

seu conteúdo humano. Daí a expressividade dos seus símbolos, manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas. E tudo isso evolui de modo inseparável, o que assegura a permanência do movimento.



A cultura de massas produz certamente símbolos. Mas estes, direta ou indiretamente ao serviço do poder ou do mercado, são, a cada vez, fixos. Frente ao movimento social e no objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos, mas por uma outra simbologia também fixa: o que vem de cima está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o seu

nascimento. É essa a simbologia ideológica da cultura de massas.

Já os símbolos "de baixo", produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade. ■

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo, Editora Record 2000.

Fórum Social Mundial 2001- Biblioteca das Alternativas



Bom conselho

Chico Buarque e Caetano Veloso

Ouçã um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança

Ouçã, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade

*(in Chico & Caetano,
juntos e ao vivo, Philips, 1972)*



Textos para Reflexão

Comunicação, Cultura e Sociedade

Eric Wolf

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.

Nenhuma tribo ou comunidade é ou jamais foi uma ilha, e o mundo, uma totalidade de processos interligados ou sistemas, não é e nunca foi uma soma de grupos humanos e culturas independentes. O que se manifesta como imutável e auto reprodutor não é somente o resultado do enfrentamento do processo constante e complexo de tensões internas e externas, mas muitas vezes produto de transformação histórica.

Eric Wolf



Se a massa de cidadãos tem alguma importância, então a política precisa ser um processo de mobilização, mesmo que esta seja simbólica, como no ato de sair de casa e ir votar. Em muitos aspectos, o sistema dos meios de comunicação tomou o lugar dessa mobilização. Em certo sentido, os meios de comunicação não acreditam na sociedade, mas apenas nos indivíduos. Eles estabelecem um relacionamento direto com cada pessoa, domicílio por domicílio. Tradicionalmente, o processo eleitoral exigia uma mobilização coletiva dos militantes a fim de influenciar os eleitores. Hoje, nada disso é necessário. Teoricamente, é perfeitamente possível para um líder individual dirigir-se a todos por intermédio dos meios de comunicação. Já é tecnicamente possível votar sem sair de casa, usando o controle remoto da sua televisão. No entanto, a importância simbólica do processo eleitoral, que mobiliza os cidadãos ao menos por um dia, é, na minha opinião, essencial para se manter unida a sociedade e proporcionar-lhe o sentimento de ser uma comunidade com direitos e deveres.

*Eric Hobsbawn. O Novo Século
São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p.121*

Não é só a pluralidade e a visibilidade que caracterizam o espaço público. Outra característica definidora desse espaço é o fato de ele ser construído pela ação e pela palavra. É mediante a ação que se pode confirmar a singularidade de um homem, necessitando do testemunho do outro para que produza efeitos. Iguamente à ação, concorre em importância a palavra que, enquanto forma de comunicação, possibilita que os fatos e eventos produzidos pela ação do homem sejam narrados, registrados e transmitidos, constituindo, assim uma história comum.

*Edson Luís de Almeida Teles,
Primeiros Escritos, nº 3, São
Paulo, DF/USP, 2000 p.81*



“(...) um primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história (é) que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de “fazer história”. Mas, para viver, é necessário antes de mais beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se, etc. O primeiro ato histórico é pois a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um ato histórico, de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos.

(...) O segundo ponto a considerar é que uma vez satisfeita a primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento utilizado para tal conduzem a novas necessidades e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro fato histórico.
(...)

(...) Os homens têm uma história pelo fato de serem obrigados a produzir a sua vida e de terem de fazê-lo de um determinado modo: esta necessidade é uma consequência da sua organização física; o mesmo acontece com a sua consciência”.

MARX E ENGELS, *a Ideologia Alemã*,
Lisboa,
Presença, pp.33,34,35.



O Recital

Luiz Fernando Veríssimo

Uma boa maneira de começar um conto é imaginar uma situação rigidamente formal – digamos, um recital de quartetos de cordas – e depois começar a desfiá-la, como um pulôver velho. Então, vejamos. Um recital de quarteto de cordas.

O quarteto entra no palco sob educados aplausos da seleta platéia. São três homens e uma mulher. A mulher, que é jovem e bonita, toca viola. Veste um longo vestido preto. Os três homens estão de fraque. Tomam os seus lugares atrás das partituras. Da esquerda para a direita: um violino, outro violino, a viola e o violoncelo. Deixa ver se não esqueci nenhum detalhe. O violoncelista tem um grande bigode ruivo. Isto pode se revelar importante mais tarde no conto. Ou não.

Os quatro afinam seus instrumentos. Depois, silêncio. Aquela expectativa nervosa que precede o início de qualquer concerto. As últimas tossidas da platéia. O primeiro violinista consulta seus pares com um olhar discreto. Estão todos prontos, o violinista coloca o instrumento sob o queixo e posiciona seu arco. Vai começar o recital.

Nisso...

Nisso, o quê? Qual é a coisa mais insólita que pode acontecer num recital de um quarteto de cordas? Passa uma manada de zebus pelo palco, por trás deles? Não. Uma manada de zebus passa, parte da platéia pula das suas poltronas e procura as saídas em pânico, outra parte fica paralisada e perplexa, mas depois tudo volta ao normal. O quarteto, que manteve-se firme em seu lugar até o último zebu – são profissionais e, mesmo, aquilo não pode estar acontecendo –, começa a tocar. Nenhuma explicação é pedida ou oferecida. Segue o Mozart.

Não. É preciso instalar-se no acontecimento, como a semente da confusão, uma pequena incongruência. Algo que crie apenas um mal-estar, de início, e chegue lentamente, em etapas sucessivas, ao caos. Um morcego que pousa na cabeça do segundo violinista durante um pizzicato. Não. Melhor ainda. Entra no palco um homem carregando uma tuba.

Há um murmúrio na platéia. O que é aquilo? O homem entra, com sua tuba, dos



bastidores. Posta-se ao lado do violoncelista. O primeiro violinista, retesado como um mergulhador que subitamente descobriu que não tem água na piscina, olha para a tuba entre fascinado e horrorizado. O que é aquilo? Depois de alguns instantes em que a tensão no ar é como a corda de um violino esticada ao máximo, o primeiro violinista fala:

Por favor..

– O quê? – Diz o homem da tuba, já na defensiva. – Vai dizer que eu não posso ficar aqui?

– O que o senhor quer?

– Quero tocar, ora. Podem começar que eu acompanho.

Alguns risos da platéia. Ruídos de impaciência. Ninguém nota que o violoncelista olhou para trás e quando deu com o tocador de tuba virou o rosto em seguida, como se quisesse se esconder. O primeiro violinista continua:

– Retire-se, por favor.

– Por quê? Quero tocar também.

O primeiro violista olha nervosamente para a platéia. Nunca em toda a sua carreira como líder do quarteto teve de enfrentar algo parecido. Uma vez um mosquito en-

trou na sua narina durante uma passagem de Vivaldi. Mas nunca uma tuba.

– Por favor. Isto é um recital para quarteto de cordas. Vamos tocar Mozart. Não tem nenhuma parte para a tuba.

– Eu improvisei alguma coisa. Vamos comecem e eu faço o *um-pá-pá*.

Mais risos da platéia. Expressões de escândalo. De onde surgiu aquele homem com uma tuba? Ele nem está de fraque. Segundo algumas versões veste uma camiseta do Vasco. Uns chinelos de dedo. A violista sente-se mal. O violinista ameaça chamar alguém dos bastidores para retirar o tocador de tuba à força. Mas ele aproxima o bocal do seu instrumento aos lábios e ameaça:

– Se alguém se aproximar de mim eu toco *pof!*

A perspectiva de se ouvir um *pof* naquele recinto paralisa a todos.

– Está bem – diz o primeiro violonista – vamos conversar. Você, obviamente, entrou no lugar errado. Isto é um recital de cordas. Estamos nos preparando para tocar Mozart. Mozart não tem *um-pá-pá*.

– Mozart não sabe o que está perdendo – diz o tocador de tuba, rindo para a pla-



téia e tentando conquistar sua a simpatia.

Não consegue. O ambiente é hostil. O tocador de tuba muda de tom. Torna-se ameaçador:

- Está bem, seus elitistas. Acabou. Onde vocês pensam que estão, no século XVIII? Já houve dezessete revoluções populares depois de Mozart. Vou confiscar estas partituras em nome do povo. Vocês todos serão interrogados. Um a um, pá-pá.

Torna-se suplicante.

- Por favor, só o que eu quero é tocar um pouco também. Eu sou humilde. Não pude estudar instrumento de corda. Eu mesmo fiz esta tuba, de um Volkswagen velho. Deixa...

Num tom sedutor, para a violista:

- Eu represento os seus sonhos secretos. Sou um produto da sua imaginação lúbrica, confessa. Durante o Mozart, nesse quarteto anti-séptico, é em mim que você pensa. Na minha barrica e na minha tuba

fálica. Você quer ser violada por mim num *allegro assai*, confessa...

Finalmente, desafiador, para o violoncelista:

- Esse bigode ruivo. Estou reconhecendo. É o mesmo bigode que eu usava em 1968. Devolve!

O tocador de tuba e o violoncelista atacam-se. Os outros membros do quarteto entram na briga. A platéia agora grita e pula. É o caos! Simbolizando, talvez, a falência final de todo o sistema de valores que teve início com o iluminismo europeu ou o triunfo do instinto sobre a razão ou, ainda, uma pane mental do autor. Sobre o palco, um dos resultados da briga é que agora quem está com o bigode ruivo é a violista. Vendo-a assim, o tocador de tuba pára de morder a perna do segundo violonista, abre os braços e grita: "Mamãe!"

Nisso entra no palco uma manada de zebus.

Mulher desesperada mata marido



Cansada de apanhar, receber ameaças de morte e de ter de agüentar humilhações do marido bebum, a doméstica Eva Maria de Jesus, de 36 anos e mãe de seis filhos, matou o companheiro, Geraldo Pereira de Carvalho, de 43 anos, com três tiros. O trágico fim de um casamento de 22 anos aconteceu anteontem à noite na casa do casal, na rua Jorge Duprat de Figueiredo, na Vila Santa Catarina.

Pouco antes de morrer, o metalúrgico Geraldo fez uma última maldade: desceu o braço na sogra, Hilda Maria de Paula, de 67 anos. Eva decidiu que aquela era a última vez que o marido aprontava: pegou o revólver dele e disparou cinco vezes. Três tiros acertaram.

Desesperada ao ver Geraldo numa poça de sangue, a mulher pegou um táxi e correu pro 35. DP (Jabaquara) e contou pro delegado Sebastião J. C. Neto que tinha matado o marido "pra não morrer".

Segundo Eva, sempre que o marido bebia, todo mundo em casa "levava": ela, os filhos pequenos e a sogra.

[Notícias Populares, 05/02/92]



Tragédia brasileira

Manuel Bandeira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa - prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Caturubi, Lavadrio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

(In: Estrela da Vida Inteira)



Gramática balística

Aniella A. Vaz

Outro dia peguei um ônibus para ir de Copacabana até o centro do Rio. Era por volta de 14h e eu estava em pé, porque, para variar,



não havia lugar para sentar (muita gente pega ônibus, ou pouco ônibus pega gente?). Um homem estava em pé, também, na minha frente. ele era pobre, com cerca de quarenta anos, talvez menos, mas sua aparência era de um homem de 40. Barba por fazer, roupa deplorável. Fumava. Não venham me falar que o descrevi com o intuito de depreciar mais a classe baixa da sociedade e sugerir que seus representantes sejam os “fora-da-lei”. Foi apenas um recurso para caracterizar melhor a cena.

O homem fumava. Dentro do ôni-

bus. Todos os outros passageiros se entretinham, balançando a cabeça em sinal de desaprovação. Todos

quietos. Ouvi uma voz, esta vindo de trás de mim, de um senhor que também estava em pé: “O senhor não sabe que não pode fumar dentro de transporte coletivo?!”

O fumante olhou para os lados, como se não estivessem falando com ele. “Estou falando com o senhor! Joga isto fora! Ninguém anda comigo dentro do ônibus fumando!”, gritou o senhor, que, apesar de toda esta ferocidade, parecia ter uns 70 anos, era baixo e fraco. O ambiente ficou tenso.

“Chega de violência, por favor”, pediu uma senhora. Todos os outros pas-



sageiros pareciam apavorados, mas o defensor das leis e dos pulmões, vendo que seu agressor não tomava providência, não parou, falando em tom cada vez mais alto. "Senhor motorista, pare o ônibus no primeiro lugar em que você vir um policial!"

O cigarro foi jogado fora, o fumante continuou sua viagem calado, o senhor também.

Senti um certo pavor, assim como todas as outras pessoas. Medo daquele homem ser tão dependente do cigarro que resolvesse sacar uma arma e matar o antitabagista (isto me amedrontava de uma forma especial, já que eu estava no meio dos dois desafetos). Mas o que mais me chamou a atenção foi o risco de vida que a palavra traz a quem resolver usá-la. Hoje você real-

mente pode morrer pela boca. Uma palavra errada e fim. Temos de aceitar quase tudo, sem reclamar. Quantas vezes não sentimos medo de falar? É bem difícil hoje ver um bate-boca na rua. Bem mais fácil assistir um tiroteio. E daqui a pouco não haverá mais advogados nesta terra. Ninguém quererá correr esse risco de vida. E a palavra será abolida, por ser instrumento de extrema beligerância. Quem usá-la, deverá fazê-lo conscientemente e sem machucar ninguém. E deverá apresentar o porte da palavra, além de registrá-la, apresentar nota fiscal, etc.

A comunicação, em breve, me parece, será feita pelo uso de canivetes, revólveres, cacetetes. E nas escolas será criada uma nova cadeira: o curso de gramática balística. ■



O arquivo

Vitor Giudice

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de 15% em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer o chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor. Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa. O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial. Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: 17%.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança. Agora, João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada extraordinário aconteceu. João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase fim do expediente, foi chamado ao escritório principal. Respirou descompassado.

- Seu João, nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

João baixou a cabeça em sinal de modéstia.

- Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

- Além de uma redução de 16% em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.

- De hoje em diante, o senhor passará



a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contente?

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria e voltou ao trabalho.

Nesta noite, João não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência.

A vida foi passando com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a 2% do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas 15 minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo. O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo

transporta-o ao trabalho. Quando completou 40 anos de serviço, foi convocado pela chefia.

– Seu João, o senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função a partir de amanhã será limpador de nossos sanitários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

– Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

– Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta. João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento. João se transformou num arquivo de metal. ■

A Mitologia Verde-Amarela

Marilena Chauí

“Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste.
Criança! Jamais verás país nenhum como este!
Olha que céu, que mar, que luz, que floresta!
A natureza aqui perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos”.

Olavo Bilac

“O monumento é de papel crepom
e prata
os olhos verdes da mulata
a cabeleira esconde atrás
da verde mata
o luar do sertão
(...)”

O monumento é bem moderno
Não disse nada do modelo
(...)”

Viva a banda da-da
Carmen miranda-da-da “

Caetano

“minha terra tem palmeiras
onde sopra o vento forte
da fome com medo muito
principalmente da morte
ô lê lê lá lá

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo”.

Gil e Torquato Neto



Um fantasma ronda as classes dominantes e a intelectualidade brasileira desde meados do século XIX: a busca da identidade nacional. O caráter nacional brasileiro. Encontraram.

Na escola primária aprendemos a conhecer o significado da bandeira nacional: um retângulo verde - símbolos das nossas grandes florestas e dos nossos belos mares -, um losango amarelo – símbolo das riquezas minerais inesgotáveis, jazidas de ouro, prata, diamantes, esmeraldas, petróleo, urânio, ferro -, uma esfera azul estrelada – símbolo de nosso céu, onde brilha a constelação do Cruzeiro do Sul indicando que somos uma nação cristã; e vinte e duas estrelas, sinais dos Estados da federação. Atravessando a esfera azul celeste, uma faixa branca - nosso amor pela paz -, onde está gravada a divisa positivista: “Ordem e Progresso”. Verde e amarelo são as cores nacionais, e os selecionados do futebol, nos campeonatos internacionais, trajados de verde e amarelo, formam a Seleção Canarinho.

Aprendemos que o Brasil é um “gigante pela própria natureza”, o “novo florão da América, iluminado ao sol do Novo Mundo”, que “nosso céu tem mais estrelas”, “nossos bosques têm mais flores” e “nos-

sa vida mais amores”. Aprendemos que em nossa terra “a Natureza, perpetuamente em festa, é um seio de mãe a transbordar carinho”, que por nosso país corre o maior rio do mundo e que possuímos a maior floresta da Terra. Que somos um povo especial e sem igual, porque resultado da fusão de “três raças irmãs” (ainda que uma delas tenha escravizado as outras duas e explore uma parte dela mesma). Estamos persuadidos de que a carta de Pero Vaz de Caminha continua verdadeira: “Esta, Majestade, é uma terra tão fértil que nela, em se plantando, tudo dá”.

Aprendemos que somos “povo heróico” que em “brado retumbante” proclama: “não teme, quem te adora, a própria morte, terra adorada”, mesmo porque, “entre outras mil, és tu Brasil, pátria amada” onde canta o sabiá e batem os “verdes mares bravios”. Salve! Salve!

É bem verdade que, nas ruas, a irreverência do humor corrige tanta solenidade: “Quem foi que descobriu o Brasil? Foi seu Cabral. Foi seu Cabral. No dia 22 de abril, dois meses depois do carnaval”, certamente logo após a princesa Isabel ter “proclamado a escravidão” e a princesa Leopoldina “virar estrada de ferro”. Se, em 1964, como disseram os golpistas, “o país



está a beira do abismo”, em 1967, eles mesmos se encarregaram do toque humorístico: “O Brasil deu um passo à frente”. É verdade que, a seguir, os que recusaram a queda no abismo foram brindados com o “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Mas a resposta das ruas veio com presteza: “O último a sair, por favor, apague as luzes”.

O humor dos “dois meses depois do carnaval” é ambíguo (como todo humor que se preze, evidentemente) ao sugerir que o país era uma grande festa coletiva antes da colonização. Idéia amplamente desenvolvida pela Antropofagia de Oswald, cindindo o Movimento Modernista. À esquerda, os Antropófagos, para os quais a brasilidade seria a maneira selvagem de devorar, digerir e destruir o passado branco, cristão, colonial; à direita, o Verde-amarelismo (embrião da Ação Integralista Brasileira), para o qual se tratava de tornar reais a cristianização e a ocidentalização do país, por meio da cultura e do Estado Forte. Entre ambos, a figura trágica de Mário de Andrade, cujo nacionalismo desembocou no Macunaíma, o herói sem caráter, símbolo da nacionalidade.

A mitologia verde-amarela foi elaborada ao longo dos anos pela classe dominante brasileira para servi-lhe de suporte e

de auto-imagem celebrativa, enfatizando o lado “bom selvagem tropical” que constituiria o caráter nacional brasileiro na perspectiva das oligarquias agrárias, embevecidas com o mito do brasileiro cordial, ordeiro e pacífico. A essa mitologia veio incorporar-se, a partir dos anos 50, a do Desenvolvimentismo, a “mudança da ordem dentro da ordem” pela qual o país se tornaria um igual no “concerto das nações civilizadas”, prevalecendo, agora, a auto-imagem da burguesia industrial e, portanto, a exibição das grandes metrópoles, coalhadas de arranha-céus, atravessadas por vias expressas e interligadas por auto-estradas monumentais, cuja culminância é a ideologia geopolítica do Brasil-Potência do ano 2000. Dessa maneira, o “bom selvagem”- definindo a alma brasileira – e o “progresso industrial” - definindo o trabalho das “forças vivas da nação”, como dizem os discursos oficiais – oferecem à sociedade uma mitologia bifronte que conserva o passado bondoso e paternalista e promete um futuro de grandezas sem igual. A mitologia captura a temporalidade, elaborando uma história sem rupturas.

Sem distinção de classe, credo ou raça, sexo ou opção política, à direita e à esquerda, a sociedade brasileira incorpo-

rou uma série de mitos que, embora contestados pela vida cotidiana e pela prática diária, permanecem incontestáveis como representações justamente porque são mitos: o Brasil como “dom da Natureza” e “presente de Deus” à humanidade (apesar das secas nordestinas, das enchentes sulinas, das endemias, da fome e da miséria); como povo pacífico, ordeiro e não violento (apesar do genocídio da população indígena, da escravidão da população negra, do extermínio físico e psíquico dos trabalhadores, da repressão e destruição dos movimentos políticos populares e de esquerda, das mortes violentas pela posse da terra); como país da democracia racial (apesar da discriminação visível e invisível não só com relação aos imigrantes, mas sobretudo contra os negros – como na frase costumeira e naturalmente pronunciada: “um negro de alma branca”-, do anti-semitismo difuso e do aristocrático desprezo pelos árabes comerciantes); como hospitaleiro e acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e progredir (apesar de, no início deste século, a legislação possuir itens específicos para extradição dos estrangeiros “agitadores” e a atual Lei dos Estrangeiros prever a expulsão sumária de todos os “indesejáveis”); apesar da legislação trabalhista fundada em princípios

fascistas; da política econômica que concentra a riqueza, arrocha os salários, drena os recursos dos trabalhadores pela poupança compulsória, mantém a instabilidade e a alta rotatividade do emprego); como país de um povo alegre e sensual – “não existe pecado ao sul do Equador”, diz a música (apesar do machismo, do conservadorismo católico, da discriminação sexual legitimada pela religião, pela medicina e pela legislação penal); como “país dos contrastes”- não evidentemente, entre pobres e ricos, mas entre nossas paisagens e nossos tipos humanos, como o “resignado caboclo”, o “sertanejo, antes de tudo um forte” e o “laborioso sulino”. Contrastes que são a promessa de um futuro de grandezas sem par.

A mescla de mitos agrários e modernizantes levou o *Tropicalismo* à criação de uma música que, em sua própria estrutura, pudesse revelar essa mistura entre o arcaico e o moderno, as contradições do país, País absurdo cujos monumentos de “papel crepom e prata” produzem a ilusão da Potência Emergente, quando “aqui é o fim do mundo”. No entanto, a meditação musical e a crítica corrosiva da tropicália foram reapropriadas pelo verde-amarelismo, que passou a incorporá-las



como um novo mito: ser absurdo tornou-se signo de nossa suprema originalidade. Mitologia inquebrantável que conseguiu passar incólume pela crítica impiedosa que lhe fizera Stanislaw Ponte-Preta com o FEBEAPÃ – Festival de Besteiras que assola o País.

Mitologia que transforma em virtude nacional nossa absoluta incapacidade para lidar com a dimensão da lei e do público: o sacrossanto “jeitinho”, burla e transgressão permanentes que transformam em “inventividade” o jogo autoritário do favor, da patronagem e da clientela, reforçando o círculo de ferro de arbítrio-transgressão-arbítrio.

(...) Cremos pois, que o que permite a absorção contínua da Cultura Popular pela imagem do Nacional é a mitologia verde-amarela, cimento ideológico inquebrantável. Tanto mais quando consideramos as várias formas tomadas pela ideologia dos grupos dirigentes do país, desde o início deste século, e nas quais a idéia da Nação, como resultado da ação do Estado sobre a sociedade, sempre foi fundamental. Assim durante os anos 10, o slogan dominante era: *Consolidar a Nação* (o que legitimou o extermínio dos rebeldes de Canudos e do Contestado);

durante os anos 20 e 30: *Construir a Nação* (o que permitiu a absorção de todas as manifestações culturais pelo Estado); durante os anos 40 e 50: *Desenvolver a Nação* (fazendo com que a Cultura Popular fosse considerada atraso, ignorância e folclore); no início dos Anos 60: *Conscientizar a Nação* (levando o populismo a produzir a imagem dupla da Cultura Popular como boa-em-si e alienada-em-si, precisando da condução de vanguardas tutelares e revolucionárias); durante os anos 60 e 70: *Proteger e Integrar a Nação* (o que levou às práticas “modernas” de controle estatal da Cultura Popular); e agora: *Conciliar a Nação* (o que talvez seja feito num grande festim onde comeremos broa de milho).

No entanto a hegemonia verde-amarela – pois se trata de hegemonia – sofre abalos periódicos (sem desaparecer), provocados pela resistência popular. Novamente, não se trata de *refutação* nem de *combate aberto*, mas de práticas que, incorporando o verde-amarelismo, o devolvem pelo avesso aos dominantes. (...)